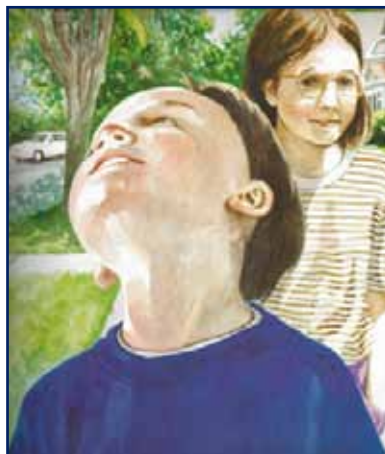


O passeio de Ian



Está um dia perfeito para ir ao parque dar de comer aos patos com a minha irmã mais velha, a Tara. Só que o meu irmão também quer ir connosco.

— Oh, Ian, porque é que não ficas aqui? — pergunto.

O Ian, porém, nem me responde, porque tem autismo. Mas bate com os dedos com força contra a rede da porta e começa a choramingar.

— Tudo bem, Ian. Ele pode vir connosco? — pergunto à minha mãe.

— Vais ter de o vigiar bem. Tens a certeza de que queres fazê-lo? — pergunta ela.

— Claro que sim — respondo.

A Tara também acena.

— Mas és tu que lhe vais dar a mão, Julie — diz-me.

O cérebro do meu irmão não funciona como o das outras pessoas.

O Ian vê as coisas de forma diferente...

Quando passamos pelo restaurante, ele entra para ver a ventoinha do teto a mover-se em círculos lentos, mas não olha para as empregadas, que passam, apressadas, transportando toda a espécie de sanduíches e gelados.

— Vamos tomar uma gasosa! — sugiro.

Mas o Ian mantém os olhos fixos na ventoinha até irmos embora.

O Ian ouve as coisas de uma outra forma...

Quando um camião dos bombeiros passa por nós, com a sirene aos gritos e a buzina a tocar, o meu irmão mal se dá conta. Mas abana a cabeça de um lado para o outro e parece estar a ouvir alguma coisa que não eu consigo ouvir.

— Despacha-te! — peço, puxando-lhe o braço.

O Ian cheira as coisas de um modo diferente...



Na loja de flores da Sr^a. Potter, pego num ramo de lilases de cheiro adocicado e aproximo-o do rosto dele. O Ian franze o nariz e afasta-se.

Mas quando nos aproximamos dos correios, põe o nariz contra os tijolos quentes e areados e cheira a parede.

— Para com isso! — digo. — Pareces um pateta!

E tiro-o dali, antes que alguém se aperceba. O Ian sente as coisas de maneira diferente...

No lago, apanho uma pena macia e faço-lhe cócegas debaixo de queixo. Ele guincha e afasta a pena. Mas, enquanto a Tara e eu atiramos cereais aos patos, o Ian deita-se no chão com as bochechas espalmadas contra as pedras duras.

— Levanta-te, Ian — digo, pegando-lhe na mão. — Alguém pode tropeçar em ti!

O Ian saboreia as coisas de modo diferente...

Quando passamos pelas barracas de comida, nem sequer olha para as pizzas, os cachorros quentes ou os *pretzels* fofos. Mas procura no meu bolso o saco com os restos dos cereais.

— A Tara e eu não queremos comer cereais ao almoço — digo. — Vem connosco comprar uma piza.

Mas o Ian nem se mexe e mastiga ruidosamente os cereais, um a um. Às vezes, o meu irmão faz-me sentir zangada.

— Eu vou buscar a piza — diz a Tara. — Fica tu aqui com o Ian, Julie.

Sento-me no banco, à espera.

— Senta-te aqui ao meu lado, Ian — peço.

Mas ele bate palmas e não me presta qualquer atenção. Finalmente, a Tara regressa com duas fatias de piza.

— Onde está o Ian? — pergunta.

Olho para o lugar onde o Ian estava, mas ele desapareceu! O meu estômago dá uma reviravolta e, por um momento, não consigo sequer mexer-me.



A Tara corre até junto de uma senhora.

— Não viu um rapazinho de camisola azul? — pergunta.

A senhora abana a cabeça.

— Talvez ele esteja a ver o jogo de beisebol do outro lado do parque — sugere.

Mas o Ian não gosta de beisebol.

Passa um homem com uma menina às cavalitas.

— Não viram um rapaz com ar de perdido? — pergunto, com um nó na garganta.

— Não — diz o homem. — Vamos ouvir o contador de histórias e talvez ele lá esteja também.

Mas o Ian parece não apreciar muito as histórias... A Tara corre de um lado para o outro à procura do nosso irmão. Eu fecho os olhos e tento pensar como ele. O Ian gosta da barraca dos balões, onde uma máquina enorme assobia e faz esticar os balões até ficarem com formas coloridas e esvoaçantes. Gosta da fonte onde pode pôr a cara bem próximo da bica, e ver o fio de água a esguichar diante dos olhos. De repente, o velho sino no centro do parque começa a soar, e lembro-me de que o Ian gosta mais do sino do que qualquer outra coisa.

Corro a toda a velocidade em direção ao sino. E lá está o Ian! Deitado debaixo do sino, a mover o enorme badalo para trás e para a frente. Abraço-o com força, embora ele não queria saber de abraços. Vejo a Tara junto aos baloiços e chamo-a. Vem a correr e abraça-se a nós.

— Vamos para casa pelo caminho que escolheres! — digo ao Ian.

Parámos junto ao lago e deixámo-lo brincar com as pedras. Ele alinha-as numa fila certinha ao longo das margens do caminho. Eu fico de pé, diante dele, para evitar que lhe pisem os dedos. Passámos pela loja de flores da Sr^a Potter e parámos nos correios. O Ian cheira todos os tijolos que quer e não me importo que alguém o veja.

Quando o Ian para na esquina, e parece estar a ouvir algo que não consigo ouvir, parámos pacientemente e tentámos também ouvir.



No restaurante, observamos juntos a ventoinha até eu ficar tonta.

Quando finalmente chegámos a casa, digo:

— Demos um bom passeio, Ian.

E, por um breve instante, ele olha para mim e sorri.

Laurie Lears
Ian's walk
Illinois, Albert Whitmann, 1998
(Tradução e adaptação)